



## Viva a Sociedade Alternativa: A Cooperativa Terra e Liberdade como Promotora de um Ecossistema de Cooperação

Lelli, Pedro Henrique<sup>1</sup>;  
Oliveira, Jhennifer Kelly Silva de<sup>2</sup>

### RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

*(Este é o tipo da sua submissão. Não há que escrever nada aqui. Não apagar esta informação).*

### Grupo Temático: Economia Solidária, Inovação e Tecnologias Sociais

#### Resumo

Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, feita com o intuito de articular o marco analítico-conceitual da tecnologia social, conceitos da economia solidária e os múltiplos papéis da Cooperativa Terra e Liberdade, sobretudo o de formar um ecossistema de cooperação, como descrito por Pompeu e Tofanelli (2023). Sua importância para o GT reside na análise de uma cooperativa cujas funções sociais vão além de questionar e apresentar alternativa ao trabalho alienado, orientando-se pela união dos princípios da reforma agrária popular, agroecológicos e anticapitalistas. A cooperativa, por meio da formação de seu ecossistema de cooperação, inova e se enquadra como tecnologia social ao pensar as relações envolvidas na produção, comunicação, comercialização e distribuição de seus produtos criticamente, disputando espaço e mobilizando trabalhadores rurais, urbanos e universidade para resistir à lógica imposta pelo modo de produção capitalista.

#### Introdução

A cooperativa Terra e Liberdade, objeto de estudo do presente trabalho, foi fundada no ano de 2016, como um braço da regional Grande São Paulo do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Sua fundação foi uma resposta direta, segundo Pompeu et al. (2024), ao “cenário de enfraquecimento das políticas públicas de fomento à agricultura familiar, como o Programa de Aquisição Alimentos (PAA), que teve acentuada redução de seu orçamento”.

É nesse contexto de instabilidade política no cenário nacional e de crescimento da retórica neoliberal, tanto em relação à opinião pública, quanto em relação aos dirigentes eleitos no período, que a cooperativa T&L assume o papel de escoar a produção dos assentamentos afetados pelos cortes supracitados, uma tarefa que permanece um desafio até os presentes dias, mas que persiste ao tempo e resiste às agressões constantes do capital. Pompeu et al. destaca:

<sup>1</sup> FFLCH-USP, ITCP-USP, pedro.elli@usp.br

<sup>2</sup> POLI-USP, ITCP-USP, jhennifer\_kelly@usp.br



“Outro limite das políticas públicas que se colocou no contexto político pós 2016 foi a fragilidade dessas iniciativas frente às mudanças de governo. O governo de Michel Temer iniciou um processo de desmonte, posteriormente agravado no governo Bolsonaro, que quase extinguiu a verba destinada para algumas dessas políticas”.

Diante disso, se torna evidente os desafios e responsabilidades que a T&L possui, o que sugere uma descrição das soluções práticas encontradas e em que medida elas se ligam com o marco analítico-conceitual da tecnologia social de Dagnino, Brandão e Novaes (2004). Os papéis prestados pela cooperativa, que são em sua essência revolucionários e solidários, passam pelo que Pompeu e Tofanelli (2023) descrevem por consumo militante e ecossistema de cooperação, abordados detalhadamente nas seções seguintes.

### Metodologia

A metodologia utilizada se enquadra em uma revisão bibliográfica dos seguintes textos, considerados fundamentais para a análise realizada: “*Estados e revoluções sociais: análise comparativa da França, Rússia e China*” de Skocpol (1979); “*Uma utopia militante: repensando o socialismo*” de Singer (1998); “*Consumo Responsável e/ou Consumo Militante: o Caso da Cooperativa Terra e Liberdade*”, de Pompeu e Tofanelli (2023); “*Agroecologia e economia solidária: o caso da cooperativa Terra e Liberdade*”, de Pompeu et al. (2024).

### Resultados e Discussão

Primeiro, se faz necessário o entendimento do porquê a cooperativa Terra e Liberdade pode ser considerada revolucionária. Para tanto, é possível utilizar-se do que Skocpol (1979) escreve:

“A origem fulcral da contradição revolucionária na sociedade, de acordo com os princípios teóricos gerais de Marx, é o aparecimento de um desequilíbrio no seio de um modo de produção entre as forças sociais e as relações sociais de produção”.

Assim sendo, traçar um paralelo entre o que a autora chama de “contradição revolucionária” e a história da T&L não é difícil, basta lembrarmos o contexto em que surgiu, descrito anteriormente. O desequilíbrio é claro quando vemos trabalhadores perderem sua principal fonte de sustento, isto é, o corte de uma política pública que garante isso a eles, por motivos puramente políticos e ideológicos. Foi em um contexto de combate ao neoliberalismo que, em uma empreitada inédita, o MST fez o enfrentamento daqueles que servem aos interesses dos grandes latifundiários e rentistas da terra, garantindo não só que a produção chegasse em seus potenciais consumidores, mas que essa produção fosse repensada para combater ainda mais o grande capital.

Desta maneira, também é possível traçar um paralelo com que Singer (1998) propõe, ao dizer que o modo de produção socialista deve se desenvolver dentro do modo de produção capitalista, ainda que subordinado a ele, mas sempre questionando seu papel hegemônico. A T&L atua para cultivar princípios autogestionários em sua produção,



repensando as relações de trabalho na tentativa de torná-las mais igualitárias, buscando distribuir igualmente os ônus e os bônus da produção e comercialização, questionando princípios hierarquizantes, e aproximando os trabalhadores e consumidores envolvidos no circuito da mercadoria, subvertendo a impessoalidade da produção imposta pelo capital.

Haja isso em vista, de que maneiras esses valores se refletem na prática? A resposta para essa pergunta está no que Pompeu e Tofanelli (2023) chamam de consumo militante:

“Na proposta da T&L, os consumidores são militantes aliados do MST, assumindo tarefas não só nos circuitos de comercialização, mas junto ao próprio movimento social em questões que transcendem o consumo, radicalizando o compromisso com a organização política. A T&L busca construir uma narrativa junto aos consumidores que dê sentido ao seu engajamento, enfatizando o sentido de estar construindo coletivamente um projeto político, e não ressaltando posições mais individualistas que permeiam o campo do consumo, assentadas na escolha individual do sujeito consumidor. O foco do discurso e da responsabilidade vai para contribuir com a organização do movimento social e com a luta, não se restringindo apenas a fomentar uma produção mais saudável, justa, limpa etc.

O papel do consumidor, então, vai além de sua individualidade e passa a necessariamente se misturar com o coletivo, o que por si só já representa um avanço para o modo de produção socialista em formação. Porém, o que definitivamente concretiza o caráter de tecnologia social e como agente construtor do modo de produção socialista da T&L é seu ecossistema de cooperação, que perpassa o consumidor militante, mas articula diversas outras esferas.

No entanto, o que se configura como ecossistema de cooperação para a cooperativa? Na prática, a articulação entre produtor, receptor, consumidor e a extensão universitária.

O papel do produtor está não só em gerar oferta para a demanda existente, mas em utilizar a produção para impulsionar diferentes maneiras de lidar com a terra. Ao invés de usurpá-la e explorá-la até o último nutriente, é feito um manejo que enfoca o bem estar de todas as formas de vida envolvidas no processo de plantação, crescimento e colheita. A agroecologia e a autogestão, nesse contexto, são imprescindíveis para respeitar o ambiente em que se é produzido, a sazonalidade da produção, o tempo hábil e a capacidade física de cada produtor, as técnicas que cada um deles julga ser melhor para produzir, etc.

O papel do receptor está em realizar a articulação entre campo-cidade, se deslocando entre os assentamentos para captar a produção, levá-la aos pontos em que ela será devidamente embalada e, em seguida, transportá-la para os pontos de venda.

O papel do consumidor está em participar ativamente de múltiplas etapas do circuito da mercadoria que consome, seja auxiliando os produtores nos assentamentos frutos da reforma agrária popular, ou colaborando com a logística dos produtos, ou ajudando na comunicação/divulgação dos produtos, ou ainda comercializando os produtos nos pontos de venda.



Por fim, o papel da universidade se assemelha ao dos consumidores militantes, mas com um caráter mais institucionalizado e acentuado. Os estudantes extensionistas estão ali, assim como os demais, porém estes destacam-se, para estabelecer um processo dialógico entre eles, os cooperados e os consumidores militantes, levando suas experiências acadêmicas ou ditas “técnicas” para os membros da cooperativa, mas para além disso, também levam suas vivências, na busca de ajudar e aprender com aqueles que são ajudados, buscando sempre manter uma relação horizontal e de respeito mútuo.

Dessa forma, a cooperativa Terra e Liberdade, ao formar esse ecossistema de cooperação, se enquadra como uma tecnologia social, seguindo o que é descrito por Dagnino, Brandão e Novaes (2004), justamente por ser construída coletivamente pelos próprios atores envolvidos em seu uso e por não se tratar de uma tecnologia “importada” ou padronizada, mas sim resultante de interação com a comunidade, que reconhece e valoriza o conhecimento local e os atores sociais na criação e aplicação das soluções encontradas.

### Considerações Finais

Conclui-se então que o trabalho feito pela T&L vai muito além de simplesmente escoar a produção do campo para a cidade, desempenhando papéis fundamentais para o enfrentamento do modo de produção capitalista, ao repensar suas relações com a terra e com os trabalhadores rurais (sobretudo através da agroecologia e da autogestão), a relação produtor-consumidor, o papel dos trabalhadores e da extensão universitária frente às emergências do mundo contemporâneo, dentre outros que a caracterizam como uma tecnologia social e formam uma rede fundamental para seu funcionamento e para seu projeto de economia solidária e impulsionamento do modo de produção socialista, cunhada de ecossistema de cooperação.

### Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente, ao autor e cooperado Lucca Pompeu, que serviu de referência múltiplas vezes e se mostrou inúmeras vezes ser uma pessoa com grande coração. Ademais, gostaríamos também de agradecer à ITCP-USP e à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (PRCEU) da USP por possibilitarem as experiências necessárias para o desenvolvimento do presente artigo.

### Referências

- DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T.** Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: \_\_\_\_ (Org.). Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 65-81.
- POMPEU, L. P.; IRRAZABAL, C. V.; POMPEU, C. O.; GUIDI, M. F.; AMARAL, D. M. do.** Agroecologia e economia solidária: o caso da Cooperativa Terra e Liberdade. Cadernos de Agroecologia, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2024. Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia. ISS23324N 2236-7934.
- POMPEU, L. P.; TOFANELLI, V. F. da L.** Consumo responsável e/ou consumo militante: o caso da Cooperativa Terra e Liberdade. Organizações & Democracia,

VII CONGRESSO DA  
REDE DE ITCPS 2025

ECONOMIA SOLIDÁRIA

EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO  
E CRISE CLIMÁTICA:  
DESAFIOS PARA AS ITCPS



05 a 08 de Novembro

Universidade Federal  
de São Carlos / SP



Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo. DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023011>.

**SINGER, P.** Uma utopia militante: repensando o socialismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

**SKOCPOL, T.** Estados e revoluções sociais: análise comparativa da França, Rússia e China. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

Este modelo foi inspirado no material divulgado pela comissão científica do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia, a quem agradecemos.